

Que tipo de (políticas) Juventude queremos?

O desenvolvimento de um país, de uma região ou de uma cidade, para além de se medir pelo apoio aos medidas de apoio aos mais necessitados, é também baseado na aposta que é feita nos jovens, ou em poucas palavras, no futuro.

Uma sociedade que aposta na juventude, aposta no seu futuro e no seu próprio desenvolvimento.

Que juventude queremos? Que futuro queremos? Numa época em que as dificuldades nos obrigam a repensar o nosso modelo e o modo de funcionamento da nossa sociedade, é importante sabermos até que ponto as políticas de hoje, permitirão aos jovens de amanhã a construção de um país melhor, de uma sociedade melhor, onde poderão, com as suas ideias melhorar a nossa qualidade de vida.

Os jovens necessitam de ter mais voz, de serem mais ouvidos, de terem acesso à formação, ao contacto com outras culturas, de poderem ser inseridos nos espaços de decisão do nosso país. Num ano em que 2010/2011 foi proclamado Ano Internacional da Juventude pela ONU, e em que a União Europeia através da sua estratégia “Europa 2020” considera o sector da juventude como um dos 5 pilares fundamentais para o desenvolvimento da Europa, é importante reflectir sobre que tipo de acções poderemos levar a cabo para que, de uma vez por todas os jovens sejam considerados como verdadeiros pertencentes da sociedade e não como meros insatisfeitos, e desinteressados por tudo.

Aliás este tal desinteresse (sobre o qual tanto falamos) provém da realidade estrutural actual: os jovens não se sentem ouvidos, nem percebidos - deste modo, o seu desinteresse pelas instituições e pela vida cívica vai aumentando, infelizmente. Cabe aos responsáveis locais, e governamentais combater este problema. Se ele não for combatido agora, no futuro, as repercussões serão muito piores – poderei pegar ,por exemplo, em futuros níveis da taxas de abstenção aquando de escrutínios.

É necessário fazer com que os jovens de hoje percebam o que é ser-se cidadão responsável, atento, englobado numa sociedade local e mundial que lhe possa proporcionar trocas de experiências culturais e internacionais, contactos com novas culturas, uma formação digna e valorizada e sobretudo proporcionar um espaço onde este possam discutir sobre os problemas da sua cidade, a sua região, país, e tentar encontrar soluções para resolver tais problemas – deste modo formamos jovens atentos, e com responsabilidade cívica. A verdade é que muitos dos instrumentos já estão disponíveis legalmente, falta vontade política para os aplicar, fazendo com que, de uma vez por todas, se dê um verdadeiro crédito à juventude, evitando o contínuo “faz de conta” que muitas vezes se vive. Quando olho para a nossa cidade vejo muitas vezes isso: políticas do “faz de conta”, onde os jovens ficam a perder. Onde a cidade fica a perder. Um desses bons exemplos é o sempre badalado Conselho Municipal da Juventude, órgão criado pelo Governo Socialista, que prometia dar voz aos jovens de todas os concelhos. Em que ponto estamos? No ponto zero. Os jovens reguenses continuam à espera do seu CMJ. Apesar do Sr. Presidente da Câmara ter sido interpelado pela JS aquando de uma Assembleia Municipal em Março deste ano sobre a constituição destes CMJ foi-nos dito,

que num espaço de um mês, estes estariam operacionais, a verdade é que 7 meses depois continuamos sem ver este órgão, que tanta falta faz à cidade.

Em termos de formação e aposta na construção de uma verdadeira juventude europeia (combatendo deste modo o isolamento geográfico da nossa cidade) a situação não é muito mais animadora. Faltam programas de formação para jovens, programas de intercâmbio, programas culturais nacionais, falta sobretudo a vontade de querer fazer mais. Faltam ideias. A cidade estagna aos poucos, e a sua juventude também, Não vendo qualquer tipo de melhorias, os jovens mais tarde, não perspectivam ficar na sua cidade. Falta um gabinete de apoio a projectos jovens, falta o incentivo ao empreendedorismo... Neste momento, a União Europeia, através do seu projecto “Youth on The Move” pode proporcionar o apoio à criação de projectos de intervenção cívica, e outros programas patrocinados pelos municípios. A própria EU incentiva as autarquias e regiões a preparar actividades, programas e sobretudo a envolver realmente a sua população jovem em debates, em discussões...

O Governo, o CNJ, o IPJ também têm programas directamente direccionados para os jovens, no entanto, estes pouca (ou nenhuma) vezes são divulgadas pelo município. No entanto, para que esta juventude possa ser realmente envolvida, é necessário haver vontade para tal. É necessário ter paciência, e não querer esperar resultados imediatos.

É tempo de parar de falar, de discutir. As bases legais estão aí, os relatórios, programas , guias, também. A EU já faculta uma série de instrumentos importantíssimos que em parceria com escolas, municípios, grupos culturais podem trazer algo de realmente enriquecedor para todos. É preciso começar a fazer um trabalho REAL, de terreno, querendo para tal implementar verdadeiros projectos com futuro, que apostem verdadeiramente nas capacidades dos jovens, e parar de uma vez por todas com a política do “faz de conta” que só trará repercussões negativas para a nossa cidade.

Em realidades económicas e geográficas, sociais como a nossa, os Municípios desempenham um papel fundamental na formação, desenvolvimento e emancipação de jovens. Interessa saber até que ponto, estes são considerados importantes aos olhos dos líderes locais. Uma cidade que não aposta nos seus jovens, através de políticas acertadas e assertivas, é um cidade que não aposta no seu futuro, e para tal não são precisos orçamentos astronómicos, bem pelo contrário- são necessárias ideias, e saber aproveitar os instrumentos que estão ao dispor de todos. No entanto falta o mais importante: vontade.